



GT 12. Antropologia das Relações Humano-Animal

Coordenador(es):

Andréa Barbosa Osório Sarandy (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Pragas, peçonhas e animais hostis

Debatedor/a: Ana Paula Perrota Franco (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Conservação, tempo e espaço nas relações humano-animais

Debatedor/a: Jean Segata (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Predação, proteção e trabalho animal

Debatedor/a: Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal “real”; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tração, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislação, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

Memória ambiental, urbanização e relações humano-animal durante inundações em Belém (PA)

Autoria: Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares (UFPA - Universidade Federal do Pará)

As grandes chuvas do inverno de 2020 chamaram atenção pela sua intensidade, pela sua interferência no cotidiano da cidade e pelos danos materiais (e morais) provocados aos habitantes mais pobres e das áreas mais topograficamente mais baixas da capital paraense. Além disso, também se destacou a presença de animais indesejados trazidos para o perímetro urbano pelo grande volume das águas, tais como cobras e jacarés. Estes animais foram vistos e capturados pelos próprios moradores das áreas inundadas, representando riscos ainda maiores do que aqueles comumente oferecidos pelas situações de inundação? isto é, perda do patrimônio familiar, contato com águas contaminadas por esgotamento sanitário, diarreias, parasitoses e doenças de pele. Este work situa o aparecimento desses animais? em 2020 e em anos anteriores? nos termos de uma duração em que o contato com animais e outros entes não-humanos conforma o processo de ocupação e conquista do território que se tornou Belém e seus bairros. Alguns desses bairros foram ocupados por migrantes pobres de outros estados e do interior do Pará que, devido à dinâmica excludente da urbanização em Belém, construíram suas casas nas margens ou sobre cursos d'água. A



pesquisa etnográfica sobre a memória ambiental em bairros atingidos por inundações em Belém e a pesquisa documental com reportagens da mídia digital e impressa ajudam na compreensão de que o aparecimento de animais nos perímetro urbano durante as grandes chuvas expressa as contradições da urbanização em Belém, ao mesmo tempo em que mostra como, ao longo do tempo, humanos e animais se constituíram mutuamente no cotidiano da cidade.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: